

Bolsonaro mantém viagem à Rússia

Presidente seguirá com visita programada ao país, na segunda-feira, apesar da escalada de tensões entre Moscou e Ucrânia

» INGRID SOARES
» DEBORAH HANA CARDOSO

Apesar da escalada de tensão entre Rússia e Ucrânia, o presidente Jair Bolsonaro manterá a viagem a Moscou, de acordo com fontes do Palácio do Planalto. O chefe do Executivo resolveu seguir com a programação mesmo após o alerta do secretário de Estado dos Estados Unidos, Anthony Blinken, de tropas russas podem invadir a Ucrânia "a qualquer momento".

Bolsonaro viajará na **segunda-feira**. Ele deve encontrar Putin em ao menos duas ocasiões: em reunião bilateral e durante um almoço.

Em meio à crise internacional, o Ministério das Relações Exteriores fez um apelo à Ucrânia. Emitiu nota oficial, ontem, para celebrar o aniversário de 30 anos das relações diplomáticas entre o país europeu e o Brasil. O comunicado ressalta o que chama de "múltiplos contatos de alto nível" entre os chefes de Estado brasileiros e ucranianos.

A nota é emitida em meio às críticas de que a viagem de Bolsonaro pode ser interpretada como um apoio à Rússia em detrimento da Ucrânia e do Ocidente. O ex-embaixador do Brasil nos Estados Unidos Rubens Barbosa destacou que a viagem estava marcada desde outubro e que há interesses bilaterais comerciais, sobretudo na questão de fertilizantes, estratégico para o agronegócio. Ele observou que, dificilmente, Bolsonaro cederá à pressão de auxiliares ou parceiros para desistir da agenda.

"Isso parecerá uma fraqueza do lado dele e que estaria cedendo a pressões americanas, quando justamente está querendo mostrar que o Brasil não está isolado. E falando isso para sua base. O presidente deve saber que a viagem tem um risco de haver uma ação militar russa na Ucrânia enquanto ele estiver lá. Outro risco é de ele falar alguma coisa que possa ser interpretada como apoio a Putin", frisou.

Em relação aos Estados Unidos, Barbosa afirmou que a viagem não deve atrapalhar, uma vez que o Brasil já se manifestou de maneira clara a favor da paz, da negociação e de uma solução pacífica para a crise. "A posição oficial do Brasil foi colocada nas Nações Unidas a favor da moderação e de evitar o conflito armado", disse. "O presidente argentino (Alberto Fernández) esteve lá, e não houve

Testes de covid-19

Por exigência do governo russo, o presidente Jair Bolsonaro terá de apresentar cinco testes do tipo PCR de detecção de covid-19 para entrar no país.

nenhuma repercussão além de no próprio país. Caso não ocorra nenhum dos riscos mencionados, não vejo repercussões maiores fora do Brasil". Diplomata e professor, Paulo Roberto de Almeida enfatizou ser necessário distinguir a ideia da visita e da oportunidade na qual ocorre. "A ideia foi traçada antes, num momento em que não havia uma tensão maior", lembrou. "É uma reunião bilateral com objetivos econômicos. A Rússia tem mais ou menos o PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil, especialização em energia, importa muita carne do Brasil, e nós importamos defensivos agrícolas da Rússia. Há espaço para ampliar relações comerciais."

Ele afirmou, no entanto, que, nas atuais circunstâncias, a visita se torna "inadequada, inoportuna e indevida". "Nós deveríamos tomar decisões com base nos valores da nossa diplomacia da não intervenção. Estamos num contexto em que o presidente Bolsonaro está isolado por conta de suas próprias atitudes", argumentou. "Isso porque a imagem dele no mundo é a pior possível, de destruidor da Amazônia, violador da democracia brasileira e pelo nacionalismo em meio à pandemia. Tornou-se persona non grata e, então, procura se cercar de seus únicos interlocutores, os poucos representantes da extrema direita europeia e de Putin."

Para ele, Bolsonaro envia o "pior sinal possível" diante da diplomacia internacional. "Sinal de que ele despreza o direito internacional, despreza o sinal das democracias internacionais. Isso em função de uma vontade pessoal de fazer uma visita", disse. "A viagem, até o ano passado, seria normal, mas, hoje, é inadequada. Avalio como uma teimosia. Quer provar que faz as coisas segundo sua vontade. O Itamaraty, provavelmente, recomendou que não fosse agora, assim como seus próprios analistas", acrescentou.

Günther Richter Mros, professor de relações internacionais da Universidade Federal de

Evandro Sáf/ AFP



Bolsonaro resolveu fazer a viagem mesmo com o alerta dos EUA de que tropas russas podem invadir a Ucrânia "a qualquer momento"

Isso parecerá uma fraqueza do lado dele e que estaria cedendo a pressões americanas, quando justamente está querendo mostrar que o Brasil não está isolado"

Rubens Barbosa,
ex-embaixador do Brasil nos EUA

Santa Maria (UFESM), avaliou como "perigoso" o movimento de Bolsonaro, citando que o Brasil faz parte do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU).

"O Brasil tem tido sinais duvidosos. Bolsonaro tenta fazer um jogo que o aproxima da

Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e dos países ocidentais, mas, ao mesmo tempo, tenta demonstrar aproximação com Putin. Parece-me perigoso o jogo que ele está fazendo, inconsequente", frisou. "O que está errado na história é o timing, não é nem a ideia de fazer uma política pendular. Está com possibilidade iminente de conflito. Parece que Bolsonaro está brincando com fogo e pode arrumar problemas tanto com a Rússia como com os EUA."

Ricardo Mendes — sócio da Prospectiva e responsável pelas operações internacionais da consultoria — corroborou que o timing não é o ideal, mas que a Rússia é um parceiro estratégico para o Brasil. "Sempre interessei do ponto de vista econômico e tecnológico não depender de um único país. No meu entender, a aproximação pode até gerar uma resposta de mais interesse político do lado americano, começar a prestar mais atenção no Brasil e oferecer condições interessantes de investimentos em termos de inserção geopolítica", afirmou.

De acordo com ele, "essa visita tem sido retratada como uma viagem ideológica, mas o presidente argentino, de viés diferente, esteve em reunião com ele também". "Fator negativo sempre tem, vai ter pressão, mas não acredito que provoque dano mais permanente. Pelo contrário, pode colocar o país em uma posição diferente de acordos com Europa, além de abrir mercados para setores importantes da economia. Acho que, se bem conduzida, a viagem, a longo prazo, pode trazer benefícios para o país", concluiu.

Eleitorado

No dia 17, Bolsonaro passará pela Hungria, do primeiro-ministro Viktor Orbán, outro avesso aos interesses ocidentais e à democracia — valores opostos ao que se espera de um país que planeja entrar na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Segundo Flávia Loss de Araújo, professora de relações internacionais da Unicsul, o problema

da viagem é o contexto atual e a imprevisibilidade de uma eventual declaração de Bolsonaro. "O Brasil está isolado, e a ida à Rússia e à Hungria é um aceno ao eleitorado e não à comunidade internacional", frisou.

Para o pesquisador do Núcleo de Inteligência Internacional da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Leonardo Paz Neves, há um imbróglio diplomático que o Brasil não avaliou ao aceitar o convite. "Se não for, o governo vai se indispôr com Vladimir Putin", alertou.

O consultor de Análise Política da BMI Consultores Associados, Bernardo Nigri, reforçou que o governo busca demonstrar o não isolamento no cenário internacional. "Um dos principais apelos para Bolsonaro visitar Putin é o conservadorismo do líder russo. Nesse sentido, busca acenar para sua base eleitoral, que vê no presidente da Rússia uma outra figura conservadora em posição de destaque no cenário internacional", explicou.

Leia mais sobre o conflito internacional na página 9

Tereza Cristina fora da delegação

Assessoria de imprensa do Ministério da Agricultura confirmou que a viagem da ministra Tereza Cristina à Rússia está cancelada, como antecipado. Tereza Cristina viajará amanhã, mas está com covid-19. Ela fez novo teste, ontem, e o resultado seguiu positivo, segundo a assessoria. A ministra informou, na terça-feira, que estava infectada com o vírus. Sem a presença de Tereza Cristina, a pasta não terá representantes na delegação presidencial. A ministra tinha reunião marcada no país com exportadores russos de adubos.

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Crise impacta mercados

A escalada das tensões envolvendo Rússia e Ucrânia mexeu com o humor dos investidores. Em baixa desde o início do dia, as bolsas nos Estados Unidos fecharam com quedas entre 1,43% (índice Dow Jones) e quase 3% (Nasdaq), enquanto houve forte procura por títulos do governo americano. Já o preço do barril de petróleo do tipo Brent para abril avançou 3,31%, alcançando a cotação de US\$ 94,44 — o maior nível desde o fim de 2014.

O movimento não foi muito diferente no Brasil. Puxado pelas ações da Petrobras, o Ibovespa

chegou a subir aos 115 mil pontos no meio da tarde, mas a notícia de uma intaxação iminente da Ucrânia derrubou o índice, que fechou com valorização de 0,18%, aos 113,5 mil pontos. O ganho acumulado na semana foi de 1,18% e, no mês, de 1,27%.

Já o dólar passou a maior parte do dia em queda, chegando a bater em R\$ 5,18 — o que não se via desde setembro do ano passado —, com queda de 1,15%. No fim, fechou a R\$ 5,2424, estável (alta de 0,01%) em relação ao preço de quinta-feira.

"O início do dia já tinha sido negativo na Europa, e, aqui, tivemos um carregamento do Itaú Unibanco, dos resultados trimestrais, e do petróleo, o que seguiu o mercado até o meio da tarde, quando começaram os rumores de tomada de posição firme da Rússia sobre a Ucrânia", disse Bruno Madruga, que lidera a área de renda variável da Monte Bravo Investimentos. "Em Nova York, o índice VIX (que reflete a volatilidade com base em opções sobre o S&P 500) subiu mais de 20%, refletindo o aumento da percepção de risco, assim como o comportamento dos Treasuries. Aqui, viemos para o zero a zero."

CRISE INTERNACIONAL

Potências ocidentais ameaçam a Rússia com medidas severas, após informações obtidas por Washington sobre ataque iminente à Ucrânia. EUA, Reino Unido, Japão, Finlândia, Coreia do Sul e Holanda pedem que seus cidadãos deixem a ex-república soviética

Em alerta máximo

Um novo alerta feito por autoridades dos Estados Unidos sobre a iminência de um ataque da Rússia à Ucrânia — ainda durante as Olimpíadas de Inverno de Pequim, que se encerra no próximo dia 20 — deixou, ontem, a comunidade internacional em sobressalto. Após uma reunião de emergência, por videoconferência, as potências ocidentais prometeram impor medidas punitivas severas a Moscou, que atingirão os setores financeiro e energético, caso o presidente Vladimir Putin ordene a ofensiva.

Nesse clima de alta tensão, o presidente dos EUA, Joe Biden, e o líder russo agendaram para hoje uma conversa telefônica para discutir a crise. Também está previsto um diálogo, separado, entre Putin e o presidente da França, Emmanuel Macron.

Diante do agravamento da situação, o governo americano pediu que os norte-americanos que estão na Ucrânia deixem o país em 48 horas. Reino Unido, Japão, Finlândia, Coreia do Sul e Holanda fizeram o mesmo apelo a seus cidadãos.

A videoconferência de ontem contou com a participação, além de Biden, dos chefes de Estado ou de governo de seis países aliados (Reino Unido, França, Alemanha, Itália, Polónia e Canadá). Também os líderes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e da União Europeia (UE) marcaram presença no encontro remoto.

“Todos os esforços diplomáticos procuram persuadir a Rússia a ir para a desescalada. O objetivo é evitar uma guerra na Europa”, tuitou o porta-voz do governo alemão após a videoconferência. “Mas os aliados estão determinados a tomar conjuntamente medidas rápidas e severas contra a Rússia se houver novas violações da integridade territorial e soberania da Ucrânia”, acrescentou.

Essas ações terão como alvo



Militares ucranianos recebem, no aeroporto de Kiev, mísseis anti-tanques enviados por Washington que ajuda no embate com os russos

principal “os setores financeiro e energético, bem como as exportações de produtos de alta tecnologia”, segundo a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, citada em comunicado deste órgão, considerando o Executivo da UE.

Escalada

O governo americano estima que a Rússia pode entrar em ação na Ucrânia “a qualquer momento”, inclusive antes do fim dos Jogos de Inverno de Pequim, segundo o assessor de segurança nacional da Casa Branca, Jake Sullivan. “Continuamos vendo sinais de escalada russa, incluindo

a chegada de novas forças na fronteira com a Ucrânia”, disse, para em seguida ressaltar que os Estados Unidos “não estão dizendo” que Putin já tomou a decisão de invadir, afirmou.

O chefe da diplomacia dos EUA, Antony Blinken, fez igualmente a previsão de possibilidade de um ataque à Ucrânia “a qualquer momento”, lembrando que Moscou concentrou mais de 100 mil soldados e armas pesadas na sua fronteira com a ex-república soviética. O secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, voltou a alertar que existe um “risco real de um novo conflito armado” na Europa. O primeiro-ministro britânico, Boris

Johnson, por sua vez, disse “temer pela segurança da Europa nas atuais circunstâncias”.

A despeito do tom alarmista, Biden descartou o envio de soldados para a Ucrânia, mesmo para retirar seus cidadãos no caso de uma invasão. Essa inclinação, enfatizou, poderia provocar uma “guerra mundial”.

As negociações diplomáticas aumentaram nos últimos dias, mas nenhum progresso foi feito para resolver a crise, que os ocidentais descrevem como a mais perigosa desde o fim da Guerra Fria, há três décadas. Em intensa movimentação, Macron visitou Moscou e Kiev em meados de 24 horas, no início da

semana. O líder francês chegou a falar em possíveis avanços, que não se confirmaram.

A Rússia, que anexou a Crimeia em 2014, nega ter intenção bélica em relação à Ucrânia, mas condiciona a desescalada a que a antiga república soviética nunca seja incorporada à Aliança Atlântica. Uma condição que os ocidentais consideram inaceitável.

Os sinais do Kremlin, porém, são considerados contraditórios. Ao mesmo tempo em que rejeita uma invasão, Moscou iniciou manobras militares, na fronteira da Bielorrússia com a Ucrânia. Além disso, a Marinha russa está realizando exercícios no Mar Negro.

Protocolo anticovid

A distância entre o francês Emmanuel Macron e o russo Vladimir Putin, cada um na ponta de uma mesa de seis metros de comprimento, intrigou quem viu a imagem da reunião entre os dois presidentes em torno da crise na Ucrânia, terça-feira, no Kremlin. Ontem, Moscou esclareceu a situação, negando um pano de fundo político. A medida foi adotada, segundo o governo Putin, por conta da covid-19.

Dmitri Peskov, porta-voz do Kremlin, indicou que a decisão de usar a mesa para a reunião entre Putin e Macron ocorreu porque o líder francês se negou a fazer um teste PCR na sede do governo russo.

O Palácio do Eliseu justificou que as condições protocolares para um encontro entre os dois chefes de Estado com um distanciamento menor e um contato que incluía um aperto de mãos, não lhe parecia aceitável e compatível com as limitações da agenda. Macron havia feito um teste antes do encontro, destacou o governo francês.

“Escolhemos a outra opção proposta pelo protocolo russo”, explicou um assessor próximo a Macron. Em caráter reservado, colaboradores do governo francês chegaram a comentar que a decisão teve o objetivo de preservar o DNA do presidente.

Na internet, a foto divulgada gerou uma chuva de piadas de comparações com a distância mantida em outros encontros com dignitários estrangeiros, como o presidente argentino Alberto Fernández e o presidente do Cazaquistão, Kassym

Jomart Tokayev. “Isso se deve ao fato de que eles seguem suas próprias regras, não cooperam com o anfitrião”, disse Peskov. “Não é política e não interfere de forma alguma nas negociações”, acrescentou.

Conexão diplomática



por Silvío Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Bolsonaro entre o dito e o não dito

As atenções de quem segue a política externa brasileira estarão voltadas, nos próximos dias, para a visita do presidente Jair Bolsonaro à Rússia. O encontro com Vladimir Putin coincide com o momento mais crítico no confronto de Moscou com a Otan e os EUA em torno da Ucrânia. A semana terminou com o presidente Joe Biden orientando os cidadãos americanos a ir embora do país, diante do que qualifica como uma iminente “ação militar” russa.

Do ponto de vista da diplomacia brasileira, a passagem de Bolsonaro pelo Kremlin tem alguns elementos básicos. De saída, o país tem pouco — ou nenhum — peso para de alguma maneira influir nos passos a serem tomados pelo presidente Vladimir Putin. Ademais, está sob censura explícita da Casa Branca e do Departamento de Estado, que criticam o momento da visita e cobram declarações resolutas sobre

a crise na Ucrânia — em um tom que, na prática, implicaria colocar em pauta as relações bilaterais Brasília-Moscou.

Em outras palavras, o presidente e o chanceler Carlos França desembarcam na capital russa no pior momento. Com o impasse em rápida evolução, podem apostar na tática de “deixar o dito pelo não dito”. Com o risco de não satisfazer a nenhuma das partes.

Bem me quer...

Pela ótica do Kremlin, o desembarque de Bolsonaro representa a oportunidade de apresentar como interlocutor um governo que, nos primeiros dois anos, colocou-se explicitamente na rota de um alinhamento preferencial — se não automático — com as posições de Washington. Nessa altura, porém, a Casa Branca hospedava Donald Trump, com quem o presidente

brasileiro cultivou, sem reservas, uma relação na qual cada demonstração de afinidade foi valorizada e potencializada.

Entre os traços distintivos da política externa americana sob Trump esteve o movimento de construir pontes com Moscou, a despeito das controvérsias internas sob a interferência do Kremlin na eleição presidencial de 2016.

...mal me quer

A derrota de Trump na busca da reeleição, em 2020, pegou no contrapé a diplomacia brasileira — em boa parte, pelo apoio explícito que recebeu de Bolsonaro e seu círculo mais próximo. Desde a posse do democrata Joe Biden na Casa Branca, em janeiro passado, as relações bilaterais permaneceram em banho-maria, assim como a coordenação de ações na cena global.

O tom adotado pelo presidente brasileiro na Rússia dirá algo sobre o interesse do Planalto e do Itamaraty em persistir na aproximação com Washington ou ensaiar um realinhamento no rumo da equidistância com o polo que se configura entre Moscou-Pequim.

Não tem vácuo

Bolsonaro chega a Moscou na sequência da visita do presidente da Argentina, Alberto Fernández, que desembarcou na capital russa procedente de uma estada igualmente significativa em Pequim. Embora pressionado pelo quadro doméstico — ou, talvez, em parte exatamente por isso —, Fernández empenhou-se em acordos comerciais e econômicos, em especial na escala chinesa.

Na prática, ocupa o vácuo aberto na diplomacia sul-americana pela retração observada da parte do Brasil nos últimos anos, em especial no governo Bolsonaro. Por ação ou por omissão deliberada, Brasília deixou de interceder em temas como a realocação do bloco sul-americano em questões cruciais, como as relações com o Brics e, mais especialmente, a tramitação do acordo comercial assinado entre Mercosul e União Europeia, em 2019.

Mesa reservada

Aparentemente, a movimentação do presidente argentino se articula com a perspectiva de troca de governo no Brasil com as eleições de outubro. Até aqui, com a

ressalva de que faltam oito meses para a decisão (em caso de segundo turno), e as pesquisas apontam para relativa segurança para o retorno de Lula ao Planalto.

O possível retorno do PT ao governo sinaliza, no que diz respeito ao Itamaraty, a retomada de uma política externa que teve na integração econômico-comercial e política da América do Sul e da América Latina um de seus traços fundamentais. Como desdobramento, Lula e o chanceler Celso Amorim conduziram, entre 2003 e 2010, uma estratégia de inserção do país no cenário global com base na articulação de um bloco emergente alternativo às dicotomias entre EUA e União Europeia: o Brics, que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Foi com olhos voltados para essa tendência que Alberto Fernández solicitou publicamente a inclusão da Argentina no bloco. A ideia foi prontamente descartada pelo governo Bolsonaro, mas o cálculo da Casa Branca se projeta para além do último ano de mandato do presidente brasileiro.

Um por todos

A semana termina com o

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política **Página:** 2 e 9